

*Cristovão de Lisboa*

# MANIFESTO

## DA INIVSTICA, CEGVEIRA

### DECLINAC,AM PRESENTE,

### E FVTVRA RVINA DE CASTELLA,

E DO ABONO, PATROCINIO, E  
amparo diuino da justiça de Portugal, verdades todas  
estampadas no marauilhofo caso, que succedeo nesta  
cidade de Lisboa, dia de Corpo de Deos, em que o  
Senhor liurou com sua omnipotencia a Mage-  
stade del Rey D. Ioão o IV. da morte,  
que à treição lhe intentarão  
dar os Castelhanos.

17



*Em Lisboa. Com todas as licenças.*  
Por Paulo CraesbeccK. Anno 1647.

M. A. N. I. F. E. S. T. O.  
DA UNIVERSIDADE DE CASTELHA  
DE OLINDA COM PRESENTE  
DE OLINDA DE CASTELHA

E BO ABONO DE SAZON CINIO, E  
quanto dize do fey de Portugal, verdadeiramente  
e os dize no qual se holo cada dos feydes nella  
cada de Lisboa de o Corpo de Feos, e aq uo  
Senhor hater com sua omnipotencia a Mage-  
stade del Rey D. Joao o IV. da mane-  
ra que se holo de la mudo  
de os Castilianos.



For Paulo Gracioso, Anno 1677  
Em Lisboa, Com toada as honras

*Opera Dei reuelare, & confiteri honorificum est. Tob. 12.*



**C**ONFESSAR as merces recebidas do ceo, publicallas na terra, affirma o Archango S. Raphael, que he diuida, que corre pór conta do agradecimento devido, que desempenhandose desta sorte, fica com taõ boa, que empenha

ao Senhor da gloria para a continuacão de novos, & mores beneficios; não quiz Portugal faltar em obrigacão taõ precisa, comprio com ella, pode esperar da liberal mão de Deos a prorogacão do curso com augmento das diuinas merces, reconheceo com deuotas procissoens, confessou em espirituas fermoens, publicou por manifestos de muita erudicão, & verdade, as marauilhas, que o Senhor foi seruido de obrar em defesa da vida de elRey D. Ioaõ o Quarto, nosso senhor, conseruacão, & amparo deste Reyno, em hum caso, que nesta cidade de Lisboa succedeo tal, que nunca o mundo vio outro semelhante; as circumstancias que nelle interuierão, tratarão de as ponderarem grandes homens; por escrito diuulgarão a excellencia dos auentajados faoures, que em todas se encerraua, porem tão destros obreiros parece que quizerão guardar o preceito q̄ Booz poz a seus segadores, aos quaes mandou que de proposito deixassem cahir espigas, para que a pobre Ruth pudesse dellas colher algũas poucas:



*Ruth.* *Præcepit Booz pueris suis dicens: de vestris quoque manipulis projicite de industria, & remanere permittite, ut absque rubore colligat.* Assim aquelles famosos segadores em seara tão fertil de merces diuinas de industria largaraõ aponderação de algũas circumstancias, passando por ellas com menos detenção, ou cuidado, para que eu das taes pudeſſe compor o presente papel, que offereço ao leitor, a perfeita intelligencia do qual demanda referir primeiro o caso succedido.

Hum homem facinoroso, fugindo da justiça de Portugal passou a Castella, la enxergãõ nelle pouca consciencia, muito atreuimento, igual desenhadura (foi sempre aquella corte officina de treçoens) os artifices, que de presente nestas obras se occupauão sollicitos em buscar em instrumentos para continuarem em tal exercicio, achãrãõ no dito homem que desejavaõ para forjarem a mais horrenda treição, que entre Christãos foi machinada; deraõ logo noticia a elRey de Castella da mina rica, que tinhãõ descuberta no material da peruerſa inclinação do traidor; representaõlhe a occasiãõ que se lhe offerece para matar à treição a elRey Dom

*L. I. C.* sença do Senhor o fazia impio sacrilegio, alheio de  
*iul. re-* hum peito Christão, indiciaua o agresor de frio na  
*petiud.* se, a elle com os complices sometia a tal castigo  
*l. bona* do ceo, que fosse tão notorio na terra, que ficasse  
*31. in* por exemplo nos tempos presentes, & futuros, pa-  
*princ.* receolhe que haueria tanta difficuldade em persuadir  
*ff. de* a este homem a execuçaõ da treição, como fa-  
*pas.* cilidade em todos elles para a traçarẽ: neste aper-  
 to, &

to, & soltura sua, recorrem a promessas, a enganos, a dadiuas, meios ordinarios da negociação de Castella, com elles o obrigarão à resolução de treição tão de restauel, ficando os que a acõselharaõ, & inuentaraõ mais culpados nella, que o miserauel que intentou cometella, conforme o Axioma do Philosopho. *Propter unum quoque tale, & illud magis*, pois estando inda no rigor do direito, que anda a escusar culpados no modo possiuel, he certo, que a causa da causa o he do efeito. *Causa cause est causa causati*. Entrou o traidor nesta cidade em Mayo do presente anno, tomou tres moradas de casas continuas, hũas fazião rosto à rua por onde hãua de passar S. Magestade, que Deos guarde, acõpanhando o Sanctissimo na procissão do Corpo de Deos, a vltima das tres moradas de casas se seruia por diferente, escusa, & distinta rua, a todas foi furando o traidor para fugir por ellas saindo pela derradeira a hum beco pouco frequentado, preparou junto ao conuento de nossa Senhora da Graça cauallos para se acolher a Castella, couto que sempre seguiu com premios, abominaueis treçoens. Chegou-se o dia da procissão, vinha nella S. Magestade acõpanhando com toda a reuerencia, & acatamento ao Senhor do ceo, & terra, estaua o cruel traidor armado de injusto odio, estimulado da cobiça, embaidados enganqs Castelhanos, com cem olhos, como outro Argos, esperando com grande attençaõ a S. Magestade, tinha nas mãos hũa extraordinaria pistola, ceuada com seis costas, & pelouros todos banhados em hum vaso de refinada peçonha, instrumentos que lhe derão em Castella para executar a horrenda treição persuadida, que estas sãõ as ar-

mas.

*Aristo.*

*L. ma.*

*nu mis*

*sione*

*ff. de*

*iusti-*

*tia, &*

*iure*

*Bart.*

*in l. a.*

*etor. n.*

*2. ff. de*

*re iu-*

*dicata.*

mas, que se forjaõ em aquella corte para vsurpar, perturbar Reynos alheos, ou prouincias quietas, passou S. Magestade mui deuagar, mui perto, por diante dos olhos do traidor, & não hindo pessoa algũa junto delle em vinte passos, nunca Deos quiz que o pudesse ver, conhecendo mui bem, & vendo a todas as outras pessoas mui clara, & distintamente, admirouse, espantouse com razão, porque só a potencia diuina podia obrar tal marauilha, porem por não imaginar o traidor, & muito mais quem o mandaua, que acontecera isto a caso, multiplica o Senhor as marauilhas, salias mais euidentes: parou S. Magestade, porque parou quem leuaua o Senhor, quiz então Deos que o traidor visse a S. Magestade encara nelle a pistola, leuanta o cão, faz pontaria, quer descarregar, & empregar o tiro, no mesmo instante lhe representa Deos na pessoa de S. Magestade hũa tão superior, que logo subitamente lhe transformou o interior do animo, ficando de repente cõ hũa affeição, & amor entranhuel a S. Magestade, com que lhe desejou todos os bens, & não esteue em sua mão fazer lhe mal algum, sendo tal o acatamento, & reuerencia, que no coração se lhe imprimio de improuiso por ordẽ diuina, em veneração, & estimação da Real Magestade del Rey D. Ioaõ o IV nosso senhor, que todo o proposito que teue de o matar, se lhe voltou em vontade de o seruir, ajudar, sustentar, & de lhe rogar mil bẽs, ficou sem medo, ou perturbação algũa, mas com tal affeição, respeito, & reuerencia a ei Rey nosso senhor, cousas estampadas na alma marauilhosamente pela mão diuina, que não deraõ lugar à vontade, nem ao corpo do traidor a poder mouerse contra ei Rey nosso senhor,

51  
nhor, contente desta impossibilidade, voluntaria,  
alegre com transformação tão marauilhosa, deixã-  
do os mortaes instrumentos que trouxe, voltou pa-  
ra Castella, onde não ouzou de dizer a verdade,  
porque ha muito tempo que anda tão homiziada  
naquella corte, que não lhe val sagrado algum. Tor-  
nou a Portugal forçado das importunaçoens dos  
Castelhanos, para effectuar a mesma treição, obri-  
gado do muito ouro, que de presente lhe deraõ, &  
do futuro que lhe prometeraõ, teue portentos, te-  
mores internos, sonhos medonhos de sua morte, &  
perdiçãõ, desconfianças do companheiro, auisos q̃  
o ceo lhe daua para desistir de seus danados inten-  
tos, com elles entrou em Portugal, logo o zelo, &  
vigilancia do Doutor Pedro Fernandes Monteiro  
teue noticia delle, traçaua com toda a pressa sua  
prisaõ, a ella o deu primeiro seu companheiro, a  
quem S. Magestade fez muita merce. O traidor  
despois de confessar constantemente todas as cou-  
sas sobreditas, cõtestando nellas com o testemunho  
do companheiro, foi condemnado pela justiça a mor-  
te de forza, mandandoo primeiro arrastar, & que  
lhe cortassem as mãos, & depois o queimassem; a  
clemencia de S. Magestade fez com que não lhe  
dessem as mores penas, que tão horrendas culpas  
mereciãõ. Em todos os successos sobreditos se en-  
cerraõ extraordinarias marauilhas, diuinos, & si-  
nalados fauores, merces tão auentejadas, que fri-  
zaõ em certo modo com as mores, que a antiguida-  
de celebra, & a Escriptura sagrada refere.

Em toda a boa Thcologia a cegueira do enten-  
dimento he castigo diuino, muito mayor, & mais  
euidente que todos os das aduersidades temporaes  
confir.

*Deut.* confirma a conclusãõ o Senhor no Deuteronomio,  
 28. *D.* ameaçando com esta pena delictos grauissimos.  
*Paul.* *Percutiet te Dominus cæcitate mētis, & palpabis in me-*  
 1. *ad* *ridie, sicut palpate solet cæcus, & non diriges vias tuas.*  
*Roma.* Quer pois castigar Deos a Castella, & fauorecer jū-  
 37. *Scot. in* tamente a Portugal, fere aos Castelhanos com ex-  
 2. *d.* traordinaria cegueira pela injustiça da posse passa-  
 37. *Ga* da, & da pretentiãõ presente do dominio de Portu-  
 36. *br. in* gal, cometem o mais cego erro para meyo deste de-  
 2. *d.* feinho, que se pode imaginar: quando hum Principe  
 36. *q.* trata de conquistar os animos dos naturaes de ou-  
 1. *ar. 3* tro Reyno, deue mostrar-se mui ornado de justiça,  
 1. *dub. 1.* de verdade, de valor, acompanhado de graõ poten-  
 1. *Bona-* cia, partes, que persuadem aos homens a sojeitar-se  
 1. *uēt. in* a Reys estranhos, crendo por hũa parte, que viuirãõ  
 2. *d. 36* debaixo de seu dominio em paz, & guerra com feli-  
 1. *ar. 1. q.* cidade, & segurança, & por outra receando ofender  
 1. *Rec.* com a resistencia o poder, & esforço de quem os  
 1. *art. 1.* pode auassallar a força de males, porem de todas  
 1. *q. 1.* estas cousas manifestaraõ com tal acçaõ os Caste-  
 lhanos, que estaua seu governo falto, & seu imperio  
 destituido, porque, que mör injustiça, falsidade, &  
 baixeza, como a que se inclue em mandar matar  
 com engano, & treição por hum assassino a hum  
 Rey, a quem Deos com tantas marauilhas, os sub-  
 ditos com tanto amor, aluoroço, vontade, & justiça  
 puzeraõ no trono real, alcançou a verdade de pro-  
 posição taõ certa o sabio, & Sancto Dauid: era Rey  
 1. *Reg.* eleito Saul, reprouado, & priuado da dignidade real,  
 15. & de que já não tinha mais que o exercicio, trazia  
 16. *A* guerra viua com Dauid, a quem como injusto pre-  
 16. *bul. q.* tendia tirar a vida, achou-se Dauid com algũs sol-  
 26. & dados seus em certa occasiãõ, em que muito a seu  
 27. saluo



saluo occultamente o pudera matar, foi mui persuadido a que o fizesse, mas esteue tão longe de cometer semelhante injustiça, que mandou a todos seus soldados, que alli estauão, que se abstuueffem della. *Propitius sit mihi Dominus ne faciam rem hanc,* não me de fempare Deos tanto, que intente eu cometer tal crime, nem o de contentir que outrem o faça. *Confregit viros suos sermonibus, & non permisit eis, ut confurgerent in Saul.* Bem differente he este caso do presente, que el Rey de Castella em certo modo se assemelha com Saul em o Deos priuar deste, & d'outros Reynos, el Rey nosso senhor parece outro Dauid, a quem os ceos, & vaticinios coroaraõ, & cõ tudo este Saul, este Rey de Castella, manda matar à treição, com engano, & abominauel falsidade a el Rey de Portugal, vede a disformidade de injustiça tão grande, bastante ao odiar em todo o mundo, & o chegar ao fim desestrado, que tiueraõ a pessoa, & Reyno de Saul, se se não emmendar perfeitamente. Exemplo para temer semelhante succsso tem os Castelhanos em el Rey Dom Ioão o Primeiro de Castella, o qual mãdou por muitas vezes matar à treição a el Rey Dom Ioão o Primeiro de Portugal, & não podendo effectuar seu intento por ordem de Deos castigou o senhor tão abominaueis acçoens com lhe tirar a vida subitamente, cahindo de hum cauallo no chaõ, sem ter lugar de dizer palavra, nẽ nomear o nome de IESV.

Auante passa a contagiaõ de semelhante injustiça, chega a contaminar o Principe, que a não castiga, inda sendo em seu fauor, & obsequio feita.

Morre Saul, como por seus peccados merecia, leuantaõ em seu lugar por Rey a seu filho Isboseth,

1. Reg. 24. A-bul. 7.  
11. rãtio. 5.

1. Reg. 31. 1. Paral. 10. nu. 13.

Chron. del Rey D. Ioão p. 1 c. 138. e 182. e 183. e 184.

2. Reg. 2. 3

continua com todo o fervor a guerra cõtra Dauid. *Facta est longa concertatio inter domum Saul, & inter domum Dauid.* Conjuraraõ se dous atreuidos homẽs para matarem a Isbofeth, crendo que agradariãõ muito a Dauid, dispuseraõ as cousas de sorte, que entrarãõ no Paço com dissimulaçaõ. & engano na metade da hora do me. o dia, achãraõ ao Rey dormindo a sêsta, tiraraõlhe a vida, cortaraõlhe a cabeça, fãhãõ sê ferẽ sentidos, & a apresenãrãõ a Dauid, de quem esperauãõ grandes premios, porem Dauid encaminhado da razãõ natural, mouido pela de estado, guiado pelo saber adquirido, sobre tudo alumiado, infinado por Deos, reprehende muito a treizaõ destes homẽs, dà sentença de morte contra elles, que logo em sua presença foi executada pelos da guarda, que os fizeraõ em pedaços. *Impij interfecerunt virum in domo sua super lectum suum, nunc queram sanguinem eius de manu vestra, & auferam vos de terra, præcepitque pueris, & interfecerunt eos præscientes manus, & pedes eorum suspenderunt eos,* Abulense engrandecendo a justiça desta diuina sentença, diz, que como a traidores impios os mandou matar com tanto rigor, & infamia, para manifestaçaõ da grande que comereraõ. *Vocantur impij, quia per fraudẽ occiderunt virum, in hoc aggrauatur nimis peccatum, puniuit autem Dauid viros istos crude, eo quod grauiter peccauerunt.* Trazia Dauid justa guerra cõ Isbofeth, com tudo julgou que era injustiça grande naõ estranhar, nem castigar cõ a frontosa morte o crime de tirarem por treizaõ, & engano a vida a este Rey seu inimigo; & Castella tendo injusta guerra com Portugal, manda, persuade, galardoa dante mão hũa acçaõ taõ abominauel, como a de mandar matar

tar à treição a elRey nosso senhor, que nunca quiz, como pudera, acabar ao Castelhana por semelhantes meios: veja o mundo quão entrados estão de malicia, injustiça, & impiedade os que governão Castella, pois a todos elles cõsta o manifesto, & claro direito, que pelas leis da terra, & pelas do ceo, tem elRey nosso senhor para possuir Portugal, a ley obri- gatoria, & viua das cortes de Lamego priua ex- pressa, & totalmente a elRey de Castella da coroa de Portugal, & a dà a elRey nosso senhor. O direito, da melioria, da linha faz o mesmo: a ley da voca- ção, em que não pode hauer controuersia, que cõ- sta do testamento delRey Dom Ioaõ o Primeiro; chama, recebe, & abraça a elRey nosso senhor, lan- ça fóra a elRey de Castella, o direito da represen- tação vsa o mesmo, segundo a doutrina vniuersal dos mais famosos Iuristas, & conforme o mostra o costume, & razão: a transgressão, & quebramento de todas as condiçoens do contrato reciproco, tantas vezes jurado pelos Castelhanos, com que Portugal se entregou a Castella, naõ sò faz aos Castelhanos perjuros, mas tambem os condena na perda do do- minio de Portugal, dado, & não concesso, que en- trassem com algum direito no Reyno por esta via, & juntamente desobriga a Portugal, para que liure- mente podesse eleger Rey que governasse, & o Rey- no deu, & restituiu o cetro à Illustrissima Casa de Bragança, a quem Castella o tinha vsurpado, leuã- rando por Rey a S. Magestade legitimo herdeiro desta coroa, a quem pertencia atè pelo direito da naturalidade, que a negaua a Castella, que a perdeu tambem por recusar o legitimo juiz do Reyno, quando algũa sombra de justiça nelle tiuera, o que

L 4. iiii  
rium  
reg. f.  
70.

seu poder, pois tratava de acabar por treições o q̄ por armas não podia, demonstração que afoutava inimigos, de sanimava amigos, & escandalizava a todos.

1.ª *Perpina* usando de outra equivalente alieuosia, tirou a vida a Sertorio Principe, & Capitão General tambem dos Portugueses, com os quaes fazia continua guerra aos Romanos, com tudo o Senado não somente não aprovou tal obra, mas foi julgada por digna do mór castigo, tendo todos para si, que infamava o Imperio de muito injusto, de pouco poder, de grãde cobardia, & de mór baixeza, pois mostrava, que desesperando de conseguir por armas a vingança que pretendia de Sertorio, & dominio da Lusitania, recorria a treições indignas de homens racionaes, que tomão armas nas mãos, porq̄ semelhantes procedimentos malquistauão os Romanos, multiplicandolhe inimigos, & diminuindolhe amigos, não receando hũs, & outros de pelejarem, ou se rebelarem contra elles, suposta verdade tão sabida, em fauor, & ajuda de Portugal anda a cegueira de Castella, porque com estes termos, de que vsão os que governaõ aquelle Reyno, se enxergaõ claramente a pobreza, a cobardia, a fraqueza, q̄ nelle ha, as impossibilidades, & apertos em que se ve, pois não repara na perda da honra, da reputação, do credito, da consciencia, desconfiado de todo de se poder defender, nem offender a outrem, se não com injustiças, enganos, falsidades, & treições, & com ellas quer resistir, & inuadir Portugal, confessando, que com o mais não pode, dà nos luz esta sua cegueira para entrarmos por seus Reynos, até os obrigarmos a pedirem perdão de sua cega obstinação,

*Mona.*  
*Lus. I.*  
*p. l. 3. c.*  
*27.*  
*Laim.*  
*lib. 4.*  
*moral.*  
*18. ca.*  
*19.*

ção, continuada, & sustentada com a frequencia de semelhantes treçoens, tão prejudiciaes aos que se ajudaraõ dellas, que inda à vista de manifestas, & grandes utilidades às não admittiraõ os mores republicos, certos que dellas se lhe hauiaõ de originar perdas, & ruinas totaes.

Nesta conformidade Aristides sendo tão amigo de sua patria não admittio o conselho, que Themistocles daua de queimarem cõ treição injusta a armada dos Lacedemonios, não obstante, que ficando deste modo os Athenienses senhores do mar, sem falta o seriaõ da terra, não valeo a certeza de interesse tão vezinho para deixar de ser o aluitre repudiado de Aristedes, & de todo o restante da republica, porque com razão tinhão por aueriguado que para sua conseruação importaua não usarem de semelhantes treçoens. Saõ venenos mortaes com q̄ acabaõ os que as tomaõ para resistir, ou adquirir Reynos alheios; bem se infere daqui a pouca duracão de Castella, pois desconfiada de se defender, nẽ offender com a espada, funda sua permanencia, & melhoria em treçoens, ruinas de quem as trama. Vede o que grangeou Castella com tantas intentadas treçoens? que proveito tirou das conjuraçoens, leuantamentos, que quiz ordinar em Portugal? dos venenos, das mortes, que tiueraõ por aluo a vida da pessoa Real? das ordens occultas para abrasarem a nossa armada, como por auisos, & inferências se soube? He certo que de tão maliciosas tramãs, recrecẽraõ grandes males a Castella, mores bẽs a Portugal; o fructo que Castelhanos colheraõ de tão largamenteira de treçoens, foraõ infamias, odio, aborrecimento gẽral, que todos conceberaõ contra elles.

*Val.  
Max.  
l. 6. c.  
5. de  
iust.*

*119  
118  
117  
116  
115  
114  
113*

les, castigos do ceo presentes, certeza de mores futuros; pelo contrario, Portugal claro abono de sua justiça, aumento de reputação, estimação, & fama, olhando todos para elle, como para cousa milagrosa; por tanto inuicta com o emparo marauilhofo dos fauores do ceo, empregados em sua conferuação, & prosperidade contra a malicia de Castella, Si Magestade ficou muito mais amado de seus vassallos, mais admiravel para com todos, vendoo tão vêturoso, tão guardado por Deos, tão priuado do ceo, que lhe descobre todas as treçoens que se vrdem na terra: na armada para a qual se bulcaua cõ diligencia gente, foi tanta a que se ajuntou, que sobejou muita; porque não se embarcaõ os homens nella sò com o zelo da patria, mas com deuação superior, ponderando que vão em galeoens defendidos pelo ceo, ordenados por elle, & que corresponderà a gloria do fim da jornada, com a prosperidade de seus principios; assi que as treçoens dos Castelhanos aumentaraõ nosso esforço, & franquearaõ sua ruina.

Por isso os que trataraõ de sustentar, & acrecentar seus Reynos, trabalharaõ por se mostrarem muy alheios de treçoens, & muy confiados nas armas. Em consequência desta verdade, tendo Furio Camilio cercada certa Cidade, hum mestre que nella ensinava a todos os filhos dos nobres mais principaes da terra, os trouxe enganados ao exercito de Camilio, affirmando-lhe que apoderandose delles, a troco de sua liberdade lhe entregariaõ a Cidade, mas Camilio que sabia como ellas se deuiã de render, abominando a treição do mestre, o mandou cõ as mãos aradas atras, & q̃ os meninos todos orfos se

*Plut.*  
*in vit.*  
*Cam.*  
*Luc.*  
*Flor.*  
*l. 2. c. 3*

açoutando até o meter na Cidade, manifestando q̃  
o pouo Romano era dotado de tanta justiça, verdade,  
poder, & valor, que por meio das armas, & vir-  
tudes, não pelo do engano, & treições se fazia se-  
nhor de seus inimigos, resolução tão acertada, &  
efficaz, que bastou para abrir as portas da Cidade  
a Camillo, acabando o esforço, virtude, & cõfiança,  
o que até entã as armas não puderã; porque com  
tãõ bons procedimentos entenderã os morado-  
res, que eraõ ditosos em se fogeitem a quem os  
auia de governar com muita justiça, verdade, po-  
der, & valentia. De todas estas cousas publicão os  
Castelhanos que estãõ priuadõs, pois não tem de q̃  
se valer senãõ de enganos; sò em treições poem a  
esperança de sua defesa, & aumento, pelo que he  
justo que de todos sejaõ aborrecidos, euitados, &  
aduerfados, & que seus proprios aliados, conhci-  
dos, & amigos os tenhaõ por suspeitos, lhe ferrem  
as portas, afastandose de seu comercio, & commu-  
nicacão, como de inimigos cõmuns, pois mostraõ  
que tãõ homens que se ajudãõ de todas as treições,  
enganos, & falsidades, que fazem dellas razão de  
estado, para conseruarem os seus, & vsurparem os  
alheios, vsando agora com Portugal, o que costu-  
maraõ com outros muitos Reynos; restemunharaõ  
esta verdade Napoles, Milãõ, Sicilia, Nauarra, Ve-  
nezia, todo o Mundo Nouo, & o mesmo exercitaraõ  
sempre com todos.

En fim pelas sobreditas cousas, os homens de  
qualidade não sò fizeraõ extremos por se mostrarẽ  
inculpauẽs em treições, mas não poucos por ma-  
nifestarem que lhe aborreciaõ até as mais fauora-  
ueis, como publicou ao mundo o Emperador Au-

*Ful. l.* relíio tinha cercada a Cidade de Tyana ; irado pela  
*6.e. 5.* resistêcia dos moradores prometeo de matar a to-  
 dos os que nella achasse, como a entrasse ; o temor  
 desta ameaça obrigou a hum cidadão chamado  
 Heraclion a entregarlha por treição, mas em lugar  
 do premio que esperaua, o mandou matar publica-  
 mente, para que constasse ao mundo, que não só  
 não traçara treição tão infame, mas que lhe abor-  
 recia, & asperissimamête a castigaua, por que corres-  
 pondia a nobreza de seu animo à suprema dignida-  
 de que possuia. He tanto isto assi que o Principe  
*Plut.* Archidamo persuadindo a Nicostrato cõ palavras,  
 & premios a que fosse traidor contra seus inimigos,  
 lhe respondeo que nos intentos mostraua que não  
 vinha da familia de Hercules de que se gloriaua:  
 declarou na resposta que era de animos baixos, &  
 vis, de engenhos grosseiros, & ignorantes, querer vê-  
 cer inimigos, & fogueitar homens, vsando de trei-  
 çoens, embustes, & enganos, que por meios contrar-  
 rios a estes adquirira Hercules o Imperio, as hōras,  
 as dignidades a que chegara, como o homem em quẽ  
 a ciêcia, & valor correraõ aparelhas; & que sem ra-  
 zão se jactaua da descendência de Hercules, a quẽ  
 tão mal imitaua. Suposta esta verdade verã hoje  
 todo o mundo quanto o Castelliano tem degenera-  
 do de seus illustres progenitores, que com justiça  
 lhe podiaõ dizer, que nao procediaõ delles, pois nas  
 obras, nos termos, nos discursos, nas resoluçoens,  
 não pareciaõ seus descendentes, vsando, persuaadin-  
 do, comprando treiçãoens, enganos, falsidades, em-  
 bustes, para adquirir Reynos alheios, ou alterar os  
 pacificos meos que descobrem fraqueza, baixe-  
 za, & ignorancia.



Tullio a este proposito dizia, q̄ os enganos eraõ *Tul. l. 1. de of*  
 proprios de raposa, o valor, as forças dos leões. *Fraus quasi vulpeculæ, vis leonis videtur.* O senhor tâ- *fic.*  
 bem nos ensina no Euangelho, que as arvores se  
 conhecem pelos frutos, os homens pelas obras. *Mat. 7*  
*A fructibus eorum cognoscetis eos.* A Herodes por vsar  
 de embustes, chamou Deos raposa. *Dicite vulpi illi, Luc.*  
 com tão solidos fundamentos, com p̄ emissas tão *13.*  
 certas, afoutamente podemos dizer, que os Caste-  
 lhanos, que se tinhaõ por leões de Hespanha, que  
 ameaçauão o mundo, se transformaraõ em fracas,  
 & enganofas raposas, só o nome, & a falsa mascara  
 lhe ficou de leões, o appellido, & pelle alheia, o  
 mais he de raposas, pois tomãõ treições por armas,  
 com ellas se defendem, & trataõ de ofender a ou-  
 trem.

Certo que com razão se verifica nelles a fabula  
 que refere, como hum baixo, & estolido animal, que  
 he o asno, se veste na pelle de hum leão, para enco-  
 brir sua vileza, disfarçar sua rudeza, & fraqueza, fu-  
 giaõ todos delle, largauão lhe o campo, andaua co-  
 mo senhor por todas as partes, até que pela gran-  
 deza das orelhas foi conhecido, logo espancado,  
 despresado, privado do disfarce, que tomara; qua-  
 dra a fabula em tudo muy bem aos Castelhanos, tẽ  
 muito de raposa, parte daquelle animal, nada de  
 leões, hoje os conhece o mundo todo, a ninguem  
 metem já medo, pagaõ a liberdade com que anda-  
 raõ disfarçados em pelle de leões, vedé como os  
 conheceraõ, & espancaõ em Flandes, em Catalu-  
 nha, em Napoles, Sicilia, & Portugal, & o pcor he, q̄  
 em suas proprias terras os fomos buscar, & lançar  
 fora das melhores villas da Estremadura, castigos

de suas cegueiras, mas a da treição em que intentaõ matar a S. Magestade, tem hũa circumstancia tão abominauel, por ser diante do Sanctissimo, que deixa atonitas todas as pessoas, que professaõ a fé Catholica, porque foi o mais horrendo, & execrauel sacrilegio, que outro algum.

S. Thomas, o direito, glosas, & vniformemente os Theologos affirmão, que o sacrilegio cõsiste na irreuerencia, & defacato com que se tratão as cousas sagradas, entre as quaes tem o primeiro lugar os sacramentos, nelles o supremo o Sãctissimo, donde o sacrilegio que o defacata he o mór, & mais abominauel de todos. *Reatum sacrilegij in hoc consistit, quod aliquis irreuerenter se habeat circa rem sacram, ideo sacrilegium, quod committitur contra Eucharistiam, grauissimum est inter omnia.* As penas correspõdem às culpas, conforme as leis do ceo, & da terra, donde he certo, que os Castelhanos, pois cometeraõ o mór delicto na conformidade dita, que seraõ castigados com auentejado rigor, priuandoos Deos dos bens concedidos, dandolhe os males, que pelos muitos que fizeraõ tem merecidos.

Rodolfo Conde de Aspurt andando á caça, encontrou com hum Sacerdote que leuaua o Sanctissimo Sacramento para cõmungar a hum enfermo, foi taõ pio o Conde, & de modo venerou o Sanctissimo, que se apeou logo do caualllo, fez subir nelle o Sacerdote, que hia a pè, & o acompanhou como lacayo até a casado doente, teue esta acção tanto merecimento para com Deos, que logo mandou abendiçoar ao Conde pelo Sacerdote, profetizandolhe as prosperidades, & aumentos de sua casa pelo motiuo sobredito, della descendem os Archidukes

S. Thom

2. 2. q.

99.

Cæter.

Vsq. Va.

Soar. A-

zor. p. 1.

l. 9. Syl

ver. sacri-

legiũ in

cap. pro-

positi de

cõsec. gl.

17. q. 4.

In cap.

sacrileg.

Deu. 25

L. sanc-

mus C.

de pen.

Cap. fe-

licis.

L. nihil

interest

ff. de a-

dult.

Bozob

10. &amp;

13.

Carrill.

in amal.

anno

1267. f.

367.

ques de Auſtria, os Reys de Heſpanha, hoje de Caſtella, aſſi que ſuas felicidades manirãõ da reuerencia do Sanctiſſimo; os contrarios diz Ariſtoteles, cõ todos os Philoſophos, que ſe haõ de julgar pela meſma regra. *Contrariorum eadem eſt diſciplina.* Axio- ma recebido gẽralmente dos Sabios, donde por cõ- ſequeſcia formal ſe concluc, que haõ de parar os crecimentos dos bens aos Reys de Caſtella, come- çar as diminuiçõens, as deſtruiçõens, & multiplica- çõens de males, pelo defacato ſacrilego, abominauel, que os Caſtelhanos mandaraõ fazer ao Sãctiſſimo, ordenando que em ſua preſença, na procuſſãõ ſolẽ- ne, em que a Igreja feſteja, venera, & reconhece mi- ſterio tão alto, beneficio tão ſubido, deſe hum trai- dor a morte a elRey Dom Ioãõ o IV. ao Principe ſeu filho, que actualmente hiaõ com ſumma deua- çãõ, & humilde acatamento acompanhando o Sã- ctiſſimo, a quẽ os Caſtelhanos injuriauaõ, & afrõ- tauaõ, de forte que o mortal tiro, que mandauam fazer a elRey noſſo ſenhor, & ao Principe era im- poſſiuel, moralmente falando, naõ derrubar tambẽ o Sacerdote, que leuaua o Sanctiſſimo, tantas eraõ as ballas, tal o ſitio, & distancia das peſſoas, aſſi que o Conde de Aspurt por fazer ſubir no ſeu cauallõ ao Sacerdote, miniſtro do Sanctiſſimo, porque hia a pé, o levantou Deos às mōres dignidades: elRey de Caſtella por querer derrubar a elRey, & ao Prin- cipe diante do Sanctiſſimo, & ao meſmo Sacerdo- te que o leuaua he certo, por conſequeſcia deuida, deſcer por ordem de Deos à baixeza dos mais grã- des abatimentos; principios temos já de ſeus futu- ros caſtigos, & deſtruiçõens totaes.

Conſta por relaçoens verdadeiras, que vieraõ de Italia,

*Ariſto.*

*l. 7. To*

*pic. c. 1*

*l. 1. ff.*

*de his,*

*qui ſũt*

*ſui, vel*

*alieni*

*iuris l.*

*ſin. ff.*

*de leg.*

*3.*

*Erue.*

*in top.*

Italia, que no mesmo dia do Corpo de Deos, em q̄ os Castelhanos mandaraõ cometer taõ horrendo sacrilegio neste Reyno, se lhe aleuantou o de Napo- les, com tal furor, & braueza, que degolaraõ a todos os Castelhanos, que puderaõ auer às mãos, tirando a vida a alguns com estranhas crueldades. Outro defacato muito menos sem comparaçãõ algũa, que aquelle de que tratamos, lhe custou a perda de Ca- ra unha, & o perigo em que està de lhe tomarem os Franceses Aragaõ, & entrarem por Castella Re- fere com toda a verdade Gregorio de Almeida, que no anno de 1637. hindo elRey de Castella Felipe o IV. na procissãõ do Corpo de Deos, se chegou hum laurador a elle, dizendo-lhe que tornasse sobre si, q̄ se perdia Hespanha: os Grandes que hiaõ junto à pessoa real, não tendo o respeito, & reuerencia de- uida à presença do Sanctissimo apagaraõ as to- chas que leuauão na mão, no rosto do laurador, tratandoo mal, o que elRey nem estranhou, nem ca- stigou, mas em principio da pena deste sacrilegio, ordenou o Senhor, que no mesmo dia do Corpo de Deos do anno seguinte, huns lauradores, & fe- gadores se leuantaraõ em Catalunha, tirando a vi- da ao Visorrey, rebellando aquelle estado que entre- garaõ ao Christianissimo, o qual com seus exerci- tos andou talhando, & abrazando o Reyno de Ara- gaõ, consumindo a gente, o dinheiro, & sustancia do Reyno de Castella.

Mas estas perdas são só começo de paga, presaf- gios são dos castigos iminentes, q̄ hãõ de arruinar ao Imperio Castelhana, pelo horrendo sacrilegio de mandar matar impiamēte a elRey nosso senhor, & ao Príncipe na presença do Sanctissimo, com as circun-

*Greg.  
de Al  
meid.  
I. p. c.  
20. da  
restau  
raçãõ  
de Por  
tugal.*

*Noti-  
cia uni  
uersal  
de Cat.  
§. II.*

circunstancias referidas, porque sempre Deos punio com grandissimas penas defacatos sacrilegos; em verificação desta verdade.

Refere a Sagrada Escriitura no liuro I. dos Reys, como condenou Deos a Ophni, & Phinees Principes em Israel a morte violenta, & quiz que se executasse em hũa batalha campal, que os Israelitas

perderaõ, ficando os Philisteos inimigos seus com a victoria, & despojos, fazendo grande estrago nelles. *Ophni, & Phinees in die vno morientur ambo.* He

para saber que causa ouue para o castigo, & morte destes dous Principes, & de tantos que os acompa-

nharãõ na rota que lhe deraõ, porque sempre ouue peccados, & Deos naõ costuma acudir logo aos

punir com tanto rigor; a Escriitura apõta o motiuo, porque onde a nossa vulgata le, *erat peccatum puerorũ*

*grande nimis coram domino,* tem o Hebreo, *in faciebus Iehouã,* Nicolão d Lyra explicando o lugar d. z. *quia*

*erat coram arca ubi diuina presentia per oracula fulgurabat.* A circunstancia de serem os peccados com-

tidos diante da Arca, que era figura do Sanctissimo Sacramento porque nella mostraua Deos que assi-

stia, agrauou os peccados daquelles Principes, de modo que mereceraõ que os castigasse Deos com

penas tão grandes, que naõ sò alcançaraõ a elles, mas a tantos subditos seus. Pois se Deos punio cõ

estas hum defacato feito à Arca do testamento, que era sò rascunho do Sacramento do Altar, que sen-

tença daua aos Castelhanos, a que males os condena-

rara, pois mandauãõ matar a e Rey nosso senhor, & ao Principe, na procissão, & presença do Sanctis-

simo Sacramento publicamente com as mais circun-

stancias que temos dito: visto esta que hão de

perder

I. Reg.  
& 3.

perder muitas batalhas, largos Reynos, & que todos os inimigos que se leuantarem contra elle o haõ de vencer, & destruir.

O mesmõ rigor em punir semelhantes atreuimentos, & desácatos, obseruou Deos com os Bethfamitas, dos quaes por verem a Arca que vinha da terra dos Philisteos, mandou Deos matar setenta homens principaes com outros muitos do pouo, inda que todos elles se alegraraõ muito com a vinda, & vista da Arca. A Escritura declara a causa. *Per. S. Vit. cussit de viris Bethfamitibus, eo quod vidissent Arcam Euch. Domini, percussit de populo septuaginta viros, & quinquaginta millia plebis.* Tirou Deos a vida a tantos homens, em que entrou gente taõ principal, porque virão a Arca com muita curiosidade, pouca reuerencia, & sobejo atreuimento, como as versoens da mesma Escritura o mostraõ, & o explicaõ todos os Doutores. Pois se Deos condenou a estes homens a penas capitaes por olharem sem acatamento para hũa figura do Sanctissimo, que era a Arca, que farã aos Castelhanos, que com tanta irreuerencia, & desácatos do Sanctissimo, mandauão tirar a vida a el Rey nosso senhor, & ao Principe, sacrilegio que cedia em grande afronta, & injuria da presença do Sanctissimo Sacramento; dos Bethfamitas morrẽão setenta Grandes, & muitos do pouo, parece que nos Castelhanos inda a espada diuina ha de fazer muito maior estrago, irã começando pelos Principes daquella casa, pelos que governão, depois pelos mais que traçaraõ, ou contentiraõ taõ grande sacrilegio, em que profanauaõ a presença do Senhor, crime bastante para ter por vingança a total ruina do Imperio de Castella.

Esculpida ficou esta verdade no castigo de Balthesar, que foi morto, seu Imperio extinto, & reparado entre os Persas, & Medos. *Diuisum est regnum tuum, & datum est Medis, & Persis.* Nabucodonosor roubou o Templo de Hierusalem, trouxe todos os vasos sagrados d'elle, & com tudo o Senhor não pronúciou esta sentença contra elle a seu filho Balthesar a mādou intimar, & q̄ logo se executasse, parece que mais culpado era o pai que o filho no sacrilegio sobredito, & com tudo dissimulou Deos cō aquelle, & destruiu totalmente a este; concordão os Doutores, que Nabucodonosor, inda que roubou os vasos sagrados, os reuerenciou, & acatou, porem que seu filho os profanou, não fazendo mais caso delles, que de outros quaesquer. *Precepit ut efferentur vasa, quæ asportauerat Nabucodonosor pater eius de Templo, & biberunt in eis Rex, & optimates eius.* Mostrouse nosso senhor muito mais agravado, & afrontado do desacato que Balthesar fez aos vasos sagrados, que das rapinas, & roubos de seu pai; deuse em fim por obrigado a assolar Imperio onde se cometia hum sacrilegio com circumstancias tão pesadas. Suposta esta verdade cedo podem os Castelhanos esperar por outra sentença semelhante, que estará dada no ceo, & pode ser que breuemente se execute na terra; muitos roubos tẽ feito os Castelhanos de Reynos, Prouincias inteiras, muitos sacrilegios cõmetidos contra a Sè Apostolica, & seu patrimonio, porem agora que profanarão a presença do Sanctissimo, que he o sagrado vaso da diuidade, & humanidade de Christo senhor nosso, não fazendo mais caso de sua presença real, que de qualquer vil homem, mandando matar em sua presença aos nossos Reys com

tanto defacato, defaforo, & publicidade, podemos ter por certo, que os condenará Deos a semelhantes penas, fenecerá seu Imperio, diuidirse há entre os que tomarem as armas contra elles, assi o affirmão os vaticinios vulgares, que acertando em tudo o passado, he consequencia que não errem no futuro, o tempo o vai mostrando, pois vemos o que lhe tomaraõ de Flandes, de Hespanha, & agora de Italia, em tão breues dias,

*Theat.*  
*hum.*  
*vii. 1.*  
*2. l. 14*

Nem imagine alguém, que só na lei Escrita foi nosso Senhor tão riguroso, porque na presente da Graça he igualmente cioso da reuerencia, & acatamento que se lhe deve, castigando com a mesma aspereza todo o sacrilego defacato, como se proua por muitos casos, de que sò contarei o que succedeo no tempo de Clemente VII. Passaua o Sanctissimo por junto de hũa pòte, em que andauão certos homens bailando, oncorreo copia de gente, que se occupou de modo em ver a dança & os que nella andauão em fazela, que não fizeraõ a reuerencia deuida, & costumada ao Sanctissimo, nem quizeraõ interpollar, nem deixar seu exercicio, subitamente por ordem do ceo se fouerteo a pòte toda, afogou, & matou a duzentas pessoas, culpadas no sobredito defacato; temão os Castelhaños semelhantes, & mões castigos, pois suas culpas são mui graues, a q̃ não pôe faltar asperas penas; a presente treição dos Castelhaños he a ponte onde afrontaraõ quanto em si foi, & defacatarão ao Sanctissimo, pretendendo matar em sua presenca aos nossos Reys: que brouse a ponte, desfela Deos marauilhosamente, descobriose a treição, passou o traidor a bailar em sua torca; os mais complices em tão abominauel

facri-



sacrilegiõ, cedo se veraõ asogados, & mortos nas agoas de grandes dificuldades, & desastres que es-  
tão reseruados para sacrilegos, inuejosos.

Destas, & outras afrontosas mortes, & desgraças, os auisa o Senhor por Isaias, dizendo que aquelles que forem semelhantes as codornizes acabaraõ des-  
festradamente com ignominia, & deshonra, enfor- *Isa. 51*  
cados, enlaçados, & perseguidos com quedas de  
grandes descreditos. *Filij tui proiecti sunt, dormierunt Orig.*  
*in capite omnium viarum sicut orix illaqueatus pleni in-* *apud*  
*dignatione Dei, & Procopio le, sicut orix,* pois que mal *glos.*  
tem a codorniz para Deos ameaçar com tâtas pe- *Hiero-*  
nas os que se parecerem cõ esta auç, affirmão Pie- *solomi*  
rio, Anonymo, & outros, que he auç sacrilega, porq̃ *tanos*  
quando fãe o Sol, ou a Lua inuejosa de sua fermo- *auç cõ*  
sura, abre o bico, alarga as azas, com mostrãs de *parat.*  
grande indignaçãõ contra estes luminosos Plane- *Angl.*  
tas, & contra o ceo, pelo conseguinte q̃ os concede a *de pro*  
terra. Plinio, & Angles escreuem, que he enferma *prij l.*  
de morbo caduco cahindo sem acôrdo em muitas *12.c.8*  
partes diz pois Deos, q̃ sacrilegos inuejosos, seme- *Pier.l.*  
lhantes a esta auç, que percceraõ desestradamente, *24Pli.*  
que ficaroã como, explica Lyra, & Anselmo, sem *l. 10.c.*  
sepultura, *mortui insepulti,* que no tempo, que viuerẽ *23.*  
teraõ frequentes, & afrontosas quedas; sãõ os Caste- *Interl.*  
lhanos, & quem os rege hum retrato desta auç. por- *Ansel.*  
que tem muito de sacrilegos, de inuejosos, & mal *Lyr.*  
ponderados, principalmente no que h zeraõ de sete  
annos a esta parte. Nas letras humanas, & diuinas,  
pelo Sol he figurado o Rey, pela Lua a Rainha, sabẽ  
o nosso Rey, & Rainha, Sol, & Lua deste seculo, vaõ  
fazendo seu glorioso curso, illustrando o mũdo to-  
do. Os Castelhanos como outras codornizes sacri-

legos inuejosos, faltos totalmente de forças, para poderem damnificar tão supremos Planetas, se indignão neciamente contra elles, & contra o ceo, q̄ os rege, moue, sustenta, guarda, para viuificarem as terras de Portugal, as conquistas deste Reyno, deterrando as treuas do catiueiro, & confuioens, em que o tinhaõ pestos os Castelhanos, que em pena de seus sacrilegios, & inuejas, já começã a ser castigados com os males denunciados pelo Profeta, vide a facilidade com que os matã seus inimigos nos recontros, que com elles tem: testemunhas são Alemanha alta, & baixa, Catalunha, Sicilia, Napolles, & outras partes de Italia, considerai a multidão de Castelhanos, que os Portugueses degoãõ nas frequentes entradas que fazem por Castella, & Galizia, ficarão por vezes os campos, as estradas cubertas de mortos, sem hauer quem lhe desse Ecclesiastica sepultura. *Dormierunt in capite omnium viarum mortui insepulti*. E õ que mais he tambem padecem a doença de morbo cadueo, como as codornizes, porque em materias grauissimas, em negocios importantes, em resoluçoens de grande peso, tem dado taes quedas de erros, que parecem de homens privados de juizo, & certo que estas derradeiras foãõ tamanhas que parece que se não hãõ de aleuantar dellas, senão para a sepultura. Ponderai a yltima do desacordo, & cegueira em que cahirão, intentando cometer tão horrendo, & abominavel sacrilegio.

Temos mostrado a cegueira espiritual dos Castelhanos, grangada com seus pecados, tratemos agora da corporal, que nosso Senhor deu ao traidor, para não poder ver a S Magestade.

Marauilha foi esta tão grande, que alem de se  
 igualar

igualar em certo modo com as mōres, que em se-  
 melhantes materias obrou o Senhor, abõnou com  
 ella a justiça de Portugal, reprovou, & estranhou a  
 injustiça, & treçoens de Castella; em proua desta  
 verdade, refere a Escritura sagrada, que andando  
 Saul para matar a Dauid, de qualquer modo que  
 pudesse, a fim de não ser Rey de Israel, entrou em  
 hũa lapa, onde Dauid estava, ficou tão perto, tão  
 junto de Saul, que era impossivel não ser visto del-  
 le, com tudo nem o sentio, nem o enxergou. Per-  
 guntão os Rabinos. quem tapou a vista a Saul? res-  
 pondem que as teas, que hũas aranhas fizeraõ, fo-  
 rão causa de não ver a Dauid. *Arañæ obseruerunt*  
*telis suis os spelũcæ*, claro està, que as teas, materiaes  
 das aranhas, não podião ser parte para Saul não  
 ver a Dauid, porem as moraes dos crimes, que Saul  
 cometia, bastantes para semelhante effeito, Saul  
 como aranha fraca, cheo de peçonha, de odio, ora  
 por ambiçãõ, ora por inueja, não cessaua de conti-  
 nuo de ordir teas de enganos, & treçoens para ma-  
 tar a Dauid; dellas toma Deos motiuo para liurar  
 a Dauid com hũa marauilha tão grande, tira a vis-  
 ta a Saul de modo que vendo tudo na lapa, sò a  
 Dauid não vio. Mostra o Senhor com tal milagre  
 a justiça deste Rey, porque Deos não obra marauil-  
 has, senão em abono da verdade, tambem significa  
 com este milagre, que deu a dignidade Real a Da-  
 uid, que ningnem lha podia tirar, que he injusta a  
 pretensãõ de Saul, abominaueis suas treçoens. Do  
 mesmo modo entra o traidor inuiado por Castella  
 nesta cidade, passa o Rey e nosso senhor por junto  
 delle, fica diante de seus olhos, & não o pode ver;  
 pois quem lhe tapou a vista? *Arañæ telis suis*, as teas  
 das.

Reg.  
 24. A-  
 bul. q.  
 6.

das treçoens, que os Castelhanos tem ordidas, como peçonhentas aranhas; forão causa para Deos com hũa marauilha tão grande impedir a vista ao traidor, publicando com hum caso tão marauilhofo a justiça de Portugal, porque Deos não obra marauilhas, nem milagres senão em testemunho da verdade, pelo conseguinte se manifesta a injustiça de Castella, que de balde se cança em cuidar que ha de priuar de Rey proprio a Portugal, porque o que tem he dado pela mão diuina. De tudo isto se infere, que os Castelhanos são aranhas na fraqueza de suas teas, que cõ hum asopro se rompem, & acabão, como vimos atégora, pois todas as treçoens, conjuraçoens, & falsidades que ordirão, logo se descobrião, & desfizeraõ; sò feruirão, para conhecerẽ

*Plin. l. 19. & Ang. de proprietate rerũ l. 19.* todos melhor a malicia de seus procedimentos. Plinio, & Angles escreuem, que a aranha, ainda que peçonhenta, cozida no azeite, fara, & melhora a vista; estão os Castelhanos tão tidos por aranhas em todo o mundo, que até desta propriedade sua se quizerão em Italia aproueitar. Escreuem de Napoles, q̃ no leuantamento daquella cidade tomaraõ hum Castelhana, & o lançaraõ em hũa caldeira de azeite feruendo, para que a gente se desenganasse, & visse melhor com tal castigo os embustes, & falsidades, que este fazia nos injustos tributos que do azeite cobrava, reprovou a crueldade, refiro o caso, porque tratarão nelle ao Castelhana como Aranha, pelos terem a tolos por taes.

Mas não só abonou Deos a justiça de Portugal com a sobredita marauilha, mas quiz tambem publicar a singular piedade, & deuacão deste Reyno, & que estava debaixo de sua protecção, & amparo;

lese

lefe esta verdade no milagre que o Senhor fez em  
 favor, & testemunho da sanctidade de Martinho  
 Primeiro, a quem o impio Emperador Constantino *A hist.*  
 II. mādou prender, & matar pelo Exarco Olympio. *Pont.*  
 O executor deste sacrilegio foi hum facinoroso sol- *p. 1. l.*  
 dado, entrou na Igreja aonde o Pōtifice estava, quiz *4. c. 12*  
 executar, como leuua por ordem tão horrendo sa-  
 crilegio, chegou ao altar, em que sabia que o Papa  
 actualmente estava celebrando, mas nunca o pode  
 ver, conhecendo mui bem, & estando o Papa pa-  
 tientemente manifesto a todos, & mui perto delle,  
 vendo o soldado milagre tão grande, se sahio da  
 Igreja, publicando a sanctidade do Pontifice, a in-  
 justiça do Emperador, caso que atemorizou de  
 modo os inimigos do Pontifice, que desistiraõ de o  
 perseguirem, teue muitos defensores, & o Empera-  
 dor muitos que o auersarão Do proprio modo vem  
 o traidor de Castella a matar elRey de Portugal  
 nosso senhor diante do Sanctissimo Sacramento,  
 quando actualmente a Igreja celebra sua festa, quer  
 Deos diuugar a grande piedade, deuação, & justi-  
 ça de S. Magestade, & do Reyno, declarar a injusti-  
 ça de Castella, para que perca amigos, & Portugal  
 grangee muitos, obra outra maravilha semelhante,  
 tira a vista ao traidor, não ve a S. Magestade, pas-  
 sando lhe por diante dos olhos, seguros pois esta-  
 mos de Castella, por que nesta maravilha nos desco-  
 bre Deos que corre por conta de sua omnipotencia  
 nossa conseruação, & aumento, fujão os bons da a-  
 mizade de Castella, abracē a de Portugal, tão abo-  
 nada, & fauorecida de Deos.

Mas não paraõ aqui os misterios de obra tão so-  
 berana, parece que afirma que he obrigação de  
 crerem.

creem todos, que a crecção deste Reyno, a liberdade que possuião benefícios dados pela mão divina.

Act. 13 Em proua de meu intento conta S. Lucas nos Actos dos Apostolos, que pregando S. Paulo ao Cōsul Sergio a fé da redempção do genero humano, feita por Christo Senhor nosso, posto na cruz, lhe resistia Elimas homem peruerso, & escrauo de Sathã. *Resistebat ei Elimas quærens auertere Proconsulem à fide.* Quz nosso Senhor, que visse o Proconsul, & muitos outros a verdade do que prégaua, & affirmou, o Apostolo pronuncia por sua boca hũa sentença contra o perfido Elimas, em que o condena a ser cego, para que não possa ver o Sol até certo tempo. *O plene omni dolo, & omni fallacia, fili diaboli inimice omnis iustitiæ, non desinis subuertere vias domini rectas: ecce manus Domini super te eris cæcus non videns solem vsque ad tempus, tunc Proconsul cum vidisset factum credit.* Creio o Proconsul, que a redempção do genero humano, fora obra de Deos, que liurara a todos do catiueiro do diabo; à semelhança deste milagre fez Deos a presente marauilha; apregoão os vaticinios, affirmão os Prégadores Apostolicos, testificão os successos superiores, que Portugal foi redimido do catiueiro de Castella por Christo Senhor nosso, que despregando na acclamação de S. Magestade o braço direito da Cruz em que hia, alargou a mão para manifestar, que era milagrosa a liberdade deste Reyno, obra de sua omnipotencia, & que por instrumento desta redempção escolhera a ei Rey Dom Ioão o IV. nosso senhor. Está o Rey Castelhano incredulo, manda çã hum peruerso Elimas para escurecer, & contradizer com tão horrêdo

do sacrilegio esta verdade, quer Deos que se conuertão os obstinados, que todos a cream, cega ao traidor marauilhosamente, não ve o Sol, *quoque ad tempus* não vio a el Rey nosso senhor por algum tempo, porque a sentença era para amoestar, & não para assolar, como diz Chrysostomo, *vsque ad tempus non punientis erat verbum, sed ad monentis*, que já disse *Chris.* mos que o Sol he simbolo do Rey na Escritura. E *apud glos.* para o milagre ser maior durou a prohibiçãõ até certo tempo, para que se visse que não foi natural falta de vista, mas superior impedimento; acabado o finaldo tempo tornou a ver a S. Magestade, para dar principio a outra marauilha famosa, & pois aquelle milagre obrado por S. Paulo conuencco a Sergio, & a muitos que com elle estauão para creerẽ a redempçãõ vniuersal, & espirital, feita por Deos posto na cruz, justo he que obrigue outra semelhãte marauilha, a creerem todos que a redempçãõ particular, & tẽporal deste Reyno foi obrada por Christo Senhor nosso, soltando o braço da cruz no dia da acclamaçãõ de S. Magestade, mostrando que com o braço de sua omnipotencia liuraua Portugal do catiueiro de Castella, não haja pois mais Elimas, quando até o mesmo traidor se conuerteo, imitem todos ao Consul, creão, defendão, que a liberdade que gozamos he obra soberana, ordenada, & sustentada por Deos.

Encadeadas andão as marauilhas do ceo no presente caso. Da yltima que temos referida nos chama a ponderaçãõ do que se segue, trata o traidor de executar o sacrilegio prometido, quiz disparar a pistola, representalhe Deos subitamente na pessoa de el Rey nosso senhor hũa magestade tão superior,

illoq

E

que

que lhe não deu lugar, como dissemos, para fazer o tiro pretendido, successo soberano, em que Deos declara, que o Rey nosso senhor he feitura sua, que está debaixo de seu amparo, para não lhe poder fazer pessoa humana nojo algum, a certeza de tão larga, & honrosa immuniçã se ve debuxada na entrada que Alexandre fez em Hierusalem, depois de ter alcançado grandes victorias, & triumphos, ao oliuel dos quaes lhe crecia a soberba, & presumpção, vio o que o indignarão sobre maneira contra os Iudeos, determinando destruilos de todo: marcha com seu victorioso campo em demanda de Hierusalem, sahelhe ao encontro o Summo Sacerdote Principe daquelle pouo em hũa solemne procissão poem Alexandre os olhos nelle, não executa os effectos de sua ira, antes lhe fez grande reuerencia, & se voltou sem o damnificar em cousa alguma; perguntou lhe hum priuado seu, que motiuo tiuera para deixar de por por obra a morte q̄ determinara dar àquelle Principe, & a grã parte de seu pouo? respondeu, que naquelle homem se lhe representara, & venerara a Magestade de Deos, de quem era ministro, que esta fora a causa porque desistira do intento que trazia. Quiz nosso Senhor neste milagre mostrar a Alexandre, q̄ aquelle Principe por ministro seu, & ao Reyno por cousa sua, não podião ser offendidos de poder humano, pois estauão então debaixo de sua protecção. Este eito pare nescio tem este caso com o presente de que tratamos.

Voltou este traidor de Castella, cheio de odio, & de cobiça, apostado a tirar a vida a o Rey nosso senhor, sahelhe ao encontro na solemne procissão do Corpo Deos, fita os olhos nelle, & para que não possa.

*Ioseph  
de an  
tiquit.  
Iud. l.  
II.*



possa executar sua ira, lhe representa Deos na pessoa Real hũa magestade tão superior, que lhe tolheo totalmente o poder offendelo, testifica maravilha tão grande, que el Rey nosso senhor, he feitura ministro do Senhor posto na suprema dignidade, por particular ordem diuina, contra a qual todo o poder humano não pode coufa algũa. Mas outras igualmente grandes se encerraõ nesta maravilha, descobrese claramente nella que S. Magestade he o Rey prometido por tãtos vaticinios a Portugal para o lurar do catiueiro em que estaua; proua esta verdade hum caso, que succedeo a Christo nosso Senhor; refere S. Matheus, que entrando hũa vez no Templo, reprehendeo, & castigou a muitos homẽs que o profanauão, de que lhe resultou aos cobiceiros grande perda de dinheiro, & com tudo não ouue algum que se atreuesse a offender ao Senhor, coufa certo digna de admiração, pois estes homẽs muitas vezes trataraõ de matar a Christo Senhor nosso quando delle recebião beneficios, & agora estimulados com tanto dano, nem para o euitarem ouzaraõ a lhe fazer nojo algum; respondeo Abulense à duuida dizendo. *Per solam ostensionem terroris in facie poterat aliquid ita videri in vultu Christi, quo conspecto omnes respicerent, timerent, & cauerent ab eo.* Ordenou Christo Senhor nosso, que estes homẽs, inda que inimigos, yissẽ em seu rosto hũa Magestade diuina, q̃ lhe imprimio no animo de todos tal acatamento, & terror, que nenhum se pode mouer para lhe fazer prejuizo algum, porque quiz que neste milagre lessem que era elle o Rey soberano, superior a toda a potencia humana, prometido á quella nação para a saluar. Combina este caso com o presente de que

Mat.

21.

Abul.

tratamos; está o traidor cheo de odio, aparelhado a tirar a vida a el Rey nosso senhor, perde não pouco dinheiro prometido por Castella, & não executar o crime, com tudo não teue possibilidade alguma para se mouer acometelo, porque Deos lhe mostrou na pessoa de el Rey nosso senhor hũa magestade tão superior, que com hum estupor, & acatamento agradauel, lhe atou o animo, lhe prendeo as mãos, de modo que não esteue na sua poderlhe fazer mal algum, para que maravilha tão grande denunciasse ao mundo, que S. Magestade era o Rey prometido a Portugal, por tantos vaticinios, o que na decima-sexta geração dos Reys deste Reyno o auia de liurar da fogueira de Castella, que por isso o izentaua de toda a potencia humana com o seguro diuino de seu amparo.

Naõ me deixa a excellencia da vltima maravilha, de que hei de tratar deter mais na presente, porque aquella excede a todas as mais.

A subita, & interna mudança do mal para o bem affirma a Theologia, que he façanha da graça, testimunha da omnipotencia de Deos, triunfo de seu diuino poder, por tanto proeza referuada sò ao valor do braço do Senhor, a quem nenhum coraçã humano pode resistir, para que sejam pregociros de seus juizos, anuncios de sua vontade, como succedeo no encôtro de Esau com Iacob, eraõ irmãos, Esau q̄ era mais velho andaua quebrado com Iacob pelo morgado da bençaõ que lhe leuara, que o fazia superior em tudo de Esau. *Det tibi Deus de rore caeli, & de pinguedine terre, esto dominus fratrum tuorum.* Dõde vendo que o irmão tomãua posse das terras que Deos prometera a Abraham, tronco de que procederaõ.

deraõ os Reys daquelle pouo, ficou taõ indignado  
 contra elle, que o veio esperar com maõ armada  
 para o matar. *Reuersi sunt nuncij ad Iacob dicentes, ec-* Gen. 27.  
*ce properat tibi in occursum cum quadringentis viris.*

Chegou a encontrar-se com Iacob, & em lugar de o  
 trespassar com hũa lança, como determinaua, lhe  
 lança os braços ao pescoço, o abra, & lhe deseja to-  
 do o bem; pergunta Lyra a causa de tão repentina, Lyr.  
 & admirauel mudança, respõde que foi obra da po-  
 derosa mão de Deos. *Dei ordinatione eius indignatio*  
*mutata est in pietatem,* nella quiz o Senhor que visse o  
 erro, a injustiça cometida em perseguir a Iacob su-  
 blimado na terra, por disposiçãõ particular do ceo  
 que vence sem dificuldade as que lhe opoem com  
 mór força. Exclama, diz Iosepho. *Id illi esse magnæ* Ioseph  
*felicitatis præsagium, nec ullis vnquam humanis viribus*  
*posse opprimi.*

Corre este caso aparelhas com o presente de que  
 tratamos, foraõ Castella, & Portugal, irmãos em ar-  
 mas o Reyno de Castella, ou Leão, que para meu in-  
 tento vem a ser o mesmo, mais velho na idade, porq̃  
 começou primeiro, Portugal, dado que mais moço  
 leuou a Castella o morgado da bençãõ espiritual, &  
 temporal, *de rore cæli, & de pinguedine terre*, a espiri-  
 tual na eleiçãõ particular que Deos fez deste Reyno  
 para a promulgaçãõ da fé, & conuersãõ da gentili-  
 dade, verdade pronunciada pela boca do mesmo  
 Deos, quando appareceo ao primeiro Rey de Portu-  
 gal Dom Affonso Henriques, a temporal em a hon-  
 ra de coroar este Reyno de sua propria mão, sepa-  
 rando de toda a humana sujeiçãõ, fazendo Rey  
 não por si, prometendolhe juntamente elcencia,  
 socorro, & beneuolenciã particular no aperto da  
 mór Monar  
 chia.  
 hist. 3.  
 p.l. 10.  
 cap. 5.  
 Souza  
 no Epi  
 da hi-  
 stor. de  
 Portu.  
 Maris  
 dia leg  
 de va.  
 hist.

*Sand.* mor atinuação da estirpe real, alem do que segundo  
*I. p. da* a prophecia de S. Ifidoro, referida por Sandoual  
*Car.* Castelhano, & outros vaticinios a hum Infante de  
 Portugal, está pronosticado o dominio da mor parte  
 de Castella, *esto dominus fratrum tuorum*, a Portuga  
 gal hū Imperio, vê o Rey nosso senhor tomar posse  
 deste Reyno em virtude da promessa diuina q̄ nelle  
 se cumpre, porque na decimasexta geração em q̄  
 entrava S. Magestade, & o Serenissimo Duque Dō  
 Theodosio seu pai, se atenuou, & tornou a exaltar o  
 cetro real: o Reyno Castelhano, como outro Esau  
 cheio de odio, & inueja, das prosperidades, & vanta  
 gens referidas, otorgadas por Deos ao nosso Rey  
 no, manda hum traidor armado, & determinado a  
 tirar a vida a S. Magestade, mas quando está mais  
 perto de cometer delicto taõ abominauel naõ se  
 contentou o Senhor só, com impedir lho, ligandolhe  
 a vontade, & as mãos com a representação da Ma  
 gestade superior na pessoa real, como relatamos,  
 passa a diante, obra outra maravilha maior, trans  
 forma em hum momento o animo maleuolo do  
 traidor em outro em tudo mui contrario, conuerte  
 o habitual odio, que nelle hauia, em beneuolência,  
 & amor, a determinação obstinada de lhe fazer mal  
 em desejos de lhe ver muitos bens, a vontade de lhe  
 acabar a vida em outra de lha alargar, & cōseruar;  
 esta mudança taõ grande como diz o Psalmista, he  
 sò mudança do ceo, feita pela diuina mão. *Hæc mu  
 tatio dexteræ excelsi*, que sò ao poder do Senhor estão  
*Pf. 76.* reseruadas tamanhas maravilhas, na presente quer  
*n. II.* mostrar a injusta obstinação de Castella, a justiça  
 de Portugal, alem do que declara, que em aduersar  
 este Reyno, pejeja contra o ceo, & que de guerra taõ  
 injusta

injusta, não tirará Castella senão perdas, danos, infamias, & ruinas.

A certeza de tão singulares favores deixou Deos representados, ao que parece, na cōuersão milagrosa de S. Paulo, porque como o mesmo Apóstolo diz *Quae scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt.* No que a Escritura sagrada refere se enerra a doutrina, & successos dos casos presentes, & futuros. Caminhava pois S. Paulo, entã Saulo, cheo de ira, & odio contra a Igreja, reyno escolhido de Deos, levava certas ordens secretas, & publicas; para o destruir, derruba o Senhor a Saulo do cavallo, & para lhe mostrar quam cego andava o priuou da vista, ouve hũa voz diuina que lhe diz, que em perseguita a Igreja perseguita, & aduersaria ao mesmo Deos, que se perueuerrasse em tal desatino se faria semelhante aos que dão couces contra o ferro agudo, afiado, & penetrante, a quem não fazendo nojo a gum, ficão recebendo delle grandes males. *Saule. Saule quid me persequeris? durum. est tibi contra stimulum calcitrare?* responde S. Paulo, todo mudado, & transformado nouo. *Domine quid me vis facere?* Senhor arrependido estou, aparelhado para toda a satisfação, & obsequio. Pergunta S. Agostinho, que motivo teue nosso Senhor para obrar taõ grande maravilha, como se mostra em cōuersão do milagrosa, pois os peccados sacrilegos de Paulo mereciaõ castigos, não milagres taõ favorauers, responde o mesmo Santo. *Quibus meritis ab his malis ad bona mirabili, & repentina uocatione conuerit, trahitur ab illo, qui nouit intus in ipse hominum cor. tibus miris modis operari,* como se dissera, quiz Deos na repentina mudança, & cōuersão de Saulo, mostrarlhe que elle era o verdadeiro.

S. Aug.  
apud  
glos.

deiro Senhor do ceo, & da terra, que estimaua tanto o Reyno de sua Igreja, que toda a contradicão, & males que lhe fazião os sentia, como se fossem cometidos immediatamente cõtra sua diuina pessoa, & que nesta forma os castigaua; da propria maneira se ouue Deos no caso presente, em certo modo; vê de Castella o traidor com despachos secretos, letras, & cartas, acefo em odio, abraçado em cobiça, tudo ateadado, & alentado pelos Castelhanos, determina de acabar o Reyno de Portugal, com tirar a vida a quem lha dà: cegueira grande de Castella, que não vê que Portugal he Reyno de Deos, fundado por elle, quando pregado na cruz, rompendose os ceos, appareceo ao nosso primeiro Rey Dom Affonso Henriques, a quem certificou desta verdade, contra ella querendo obrar o traidor, mandado por Castella, o priua Deos da vista, como referimos, & depois em hum instante de repente, de improuiso, lhe muda o coração, lhe transforma a võtade, o odio em amor, o desejo de destruir o Reyno com a morte de S. Magestade em desejos de lhe conseruar, & alargar a vida; a causa de marauilha tão grãde em fogeito tão peruerso foi semelhãte à do milagre que nosso Senhor obrou em S. Paulo, quiz nella publicar aos Castelhanos incredulos, & a todo o mundo que o Reyno de Portugal, a quem elles com armas, & treições aduersauão, era Reyno seu, fundado por elle, cuja conseruação, defesa, & aumento corria por cõta da omnipotencia diuina, contra quem era desatinado pelear. *Durum est tibi contra simulum calcitrare.* Como experimentarão este traidor, & os mais traidores, que por ordem de Castella intentaraõ damnificar a Portugal, pois não lhe podendo fazer nojo algum,

algum, receberão o mór de todos, morrendo infame, & desestradamente. Na verdade que se os Castelhanos quizessem abrir os olhos do entendimento, virão que estas diuinas palauras cõ grande propriedade são ditas por elles, a quem o Senhor auisa do erro, & defatino, que cometem em pelear contra Portugal, castigandoos juntamente na conformidade referida, quantas vezes os derrubou Deos dos cauallos, não sò pela cauallaria Portuguesa, mas tambem pela infantaria: caso tão raro, que em muitos seculos não tem succedido na milicia, quantas tropas de cauallo, quantos terços de infantaria ordenou o Senhor que os nossos Portugueses rompessem com morte de bandeiras inteiras, quantas vezes cegou Deos a todos os que governão aos Castelhanos para não atinarem com cousa que fizessem, quantos lhe tem falado nas maravilhas que de continuo obra em fauor dos Portugueses, pelas quaes lhe declara, que em aduersarem a erecção de Portugal encontrão sua diuina vontade, & a ordem de sua Prouidencia, ameaçandoos juntamente com a extrema, & total ruina, senão desistirem de sua obstinação. *Saule, Saule, quid me persequeris? durum est tibi contra stimulum calcitrare?* O acertado era conformarem se os Castelhanos com a vontade do ceo, contentandose com a terra, que lhe fica, deixando em paz a de Portugal, para não experimentarem com a vltima perdição, o que se encerra naquellas palauras soberanas. *Durum est tibi contra stimulum calcitrare.*

O felicissimo Reyno de Portugal, a quem Deos engrandeceo, de modo que na fundação, restauração, conseruação, & defesa o fez hum viuo retrato

de tua Igreja vniuersal; Christo senhor nosso quiz mostrar o supremo amor com que amaua, & prefaua a Igreja, vnica querida esposa sua, trata de a fundar, & estabelecer pregado em hũa cruz. *Si exaltatus fuero à terra, omnia ad me attraham*, viuo, & não pregado na cruz diz que lhe prepara o Reyno eterno, perdido pelo pecado de Adão. *Vado preparare*  
*Ioan. 12. n. vobis locum*, vltimamente no Sanctissimo Sacramẽto do altar lhe promete sua conferuação, & defesa, *32. Ly. ego vobiscum sum vsque ad consummationem sæculi*. Do mesmo modo quiz Deos manifestar ao mundo, que no amor, na estimação auentejaua o Reyno de Portugal, em certa maneira a todos os mais do vniuerso, felo hũa imagem viua nos supremos benefícios, com que adiantou a Igreja sua vnica esposa; estabeleceo, & fundou este Reyno pregado em hũa cruz, porque posto nella appareceo, como diffemos, a el Rey Dom Affonso Henriques, o primeiro que teue Portugal, dizendolhe que fundaua, separaua, & escolhia este Reyno para se seruir delle na promulgação da fé, depois no primeiro, & memorauel dia de Dezembro Sabado, dedicado à Emperatriz da gloria, despregando marauilhosamente hum braço da cruz, diante da Igreja de S. Antonio, nos restaurou o Reyno, que por nossos pecados tinhamos perdido, & metido no catiuero de Castella, & agora posto este mesmo Senhor no Sanctissimo Sacramẽto do altar, na freguesia da Senhora da Conceição, no octauario de S. Antonio, nos conferuou, & defendeo o Reyno, liurando com tantas marauilhas a el Rey nosso senhor da sacrilega treição dos Castelhans; animados, & seguros podemos estar os Portuguezes, pois Deos estima, ama, & engrandece tã-

*Ioan.**12. n.**32. Ly.**glos. in**ierl. 10**an. 14.**nu. 2.**Ly. Au**gustin.**tract.**68. in**Ioan.**The. in**hoc lo**co.**Math.**28.**Bed.**Euth.**Rab.*



tó este Reyno, & lhe promete seu patrocinio, defesa,  
& emparo; & lhe dá por auogados a Sacrauíssima  
Virgem, & ao glorioso S. Antõnio, merces todas grã-  
díssimas, que nos obrigão a feruirmos todos ao Se-  
nhor com a mór perfeiçãõ que pudermos.

Mas além deste grande empenhõ, em que tantas  
merces diuinas nos tem posto, dous fãudaueis do-  
cumentos nos dà o que referimos; o primeiro fala  
com nosco mediante as celestiaes resoluçoens que  
Dauid, & Iacob tomaraõ nos casos que apõtamos,  
porque liurando Deos a Dauid das mãos de Saul  
com marauilhas famosas de íua omnipotencia, diz  
a Escritura sagrada, que logo tratou de se guardar  
melhor, & de se por em lugares mais fortes, & segú-  
ros. *Dauid, & viri eius ascenderunt ad tutiora loca*, pa-  
reciã a diligenciã escusada, o cuidado desnecessa-  
rio, pois lhe bastaua o seguro que de Deos recebe-  
ra em o eleger por Rey, em lhe dar o cetro de Is-  
rael, & finalmente em lhe prometer que actualmẽ-  
te hãua de reynar; motiuos bastantes para julgar  
por supetfluas semelhantes preuençoens; responde  
Abulense. *Si tamen ipse se exponeret manifestis periculis  
sine aliqua causa, peccaret*, como se dissera, o acordo  
que Dauid tomou foi de prudente, & temente a  
Deos, nãõ duuidãua do comprimento das promes-  
sas diuinas, que sãõ infalíueis, & nãõ ha forças hu-  
manas que possaõ impedir, nem suspender o effeito  
dellas, porem nãõ quiz cometer a culpa, nem en-  
correr na pena de tentar a Deos, peccado que elle  
castiga, & estranha muito; & he certo que tenta a  
Deos quem deixa de fazer o que pode, para alcan-  
çar do Senhor o que lhe tem prometido, querẽdo  
que Deos obretudo, sem elle cooperar em nada.

I. Reg.

24. n.

22.

Abul:

Abul.

q. 2. in

3. c. 27

Deut.

60. 6.

Mat. 4

I. ad

Corin.

I. n. 9.

He verdade que o Senhor rē prometido ao Reyno de Portugal permanencia, aumentos, grandes prosperidades, famosas, imperio soberano, em cumprimento de sua palaura nos tirou do catiueiro de Castella, nos conferuou, & deu tantas vitorias, tudo com taõ notorias maravilhas; cõ as mesmas liurou Deos a elRey nosso senhor de treçoens machinadas pelos Castelhanos, porem agora para não tentarmos o dito Senhor, para procedermos como prudentes, & tementes a Deos, deuemos de seguir a Dauid, requiere esta imitacão, que daqui por diante vigiemos muito mais na guarda delRey nosso senhor, & do Reyno, com armas, preuençoens, auisos, cautelas, resguardos, & com tudo o mais que nos for possiuel.

Na mesma conformidade Iacob depois de Deos o liurando odio, ira, armas, & treçoens de Esau taõ maravilhosamente, como dissemos, naõ sò naõ cõsentio, que subdito, criado, ou vassallo algũ de Esau andasse, ou fosse em sua companhia, mas inda ficou com pouca satisfacão, & ruim conceito de quẽ pedia o contrario. *Oro te ut de populo, qui mecum est saltem socij remaneant; viae tuae non est inquit necesse,* & depois tratou de euitar todo o commercio entre a gente de Esau, & a sua, à primeira vista julgarã alguem, que a resoluçã entraua pelos limites da desconfiança, & receo culpauel, porque antecedenmente o tinha Deos certificado, que nem Esau, nem outra algũa pessoa preualeceria contra elle, & que de todos teria grandes vitorias, & em final de taõ largas merces, lhe poz o nome de Israel, q̃ quer dizer victorioso, & triunfante. *Nequaquam Iacob appellabitur nomen tuum, sed Israel, quoniam si contra Deum*

*fortis*

*fortis fuisse, quanto magis contra homines praevalens.* Por-  
 rem a resolução de Iacob foi prudente, acertada, im-  
 portante, louuada de todos os sábios, & inspirada  
 do ceo, seguro estava Iacob que não lhe havião de  
 tirar a vida, nem o dominio que Deos lhe dera, po-  
 rem o ceo lhe mostrou que esta certeza o não des-  
 obrigaua da guarda do preceito de não tentar ao  
 Senhor, por isso fazia o que como prudente estava  
 obrigado, & deixaua o bom successo de tudo a Deos,  
 a razão lhe ditaua, que da communicação dos seus  
 subditos com os vassallos, & amigos de hum homẽ  
 que tantas vezes o quiz matar, & que cuidaua que  
 lhe roubara o dominio que justamente possuia, lhe  
 não podiaõ resultar bẽs algũs, mas males, pois por  
 cuidarem que agradauão a Esau, ou por outros se- *Abul.*  
 melhantes motiuos, lhe ordiriaõ algũas treçoens, *ibi.*  
 leuantamentos, fomentariaõ descontentamentos, & *Lyr.*  
 causariaõ outras perdas, & inquietações a seus sub- *Olc. in*  
 ditos, o que se atalhaua com lhe tirar estes comer- *põt. &*  
 cios: nesta conformidade falaõ todos os doutores, *alij.*  
 que declaraõ o presente lugar.

Certo está Portugal das vitórias que ha de ter se-  
 pre contra Castella, nesta sua cega obstinação, as  
 promessas de Deos nos seguraõ, as maravilhas que  
 por nós tem obrado, o valor que dà aos Portugue-  
 ses, os fauores q̃ lhes faz, as prosperidades extraor-  
 dinarias que lhes concede, & a ordem diuina com q̃  
 o ceo dispoem, & guia as cousas do Reyno, a fim de  
 sua conseruação, & aumento, mas para não tentar-  
 mos a Deos, temos neçessidade de nos regermos  
 pela resolução de Iacob, corremos todo o trayo  
 de Castella, não haja correspondencias entre estes

Reynos,

Reynos, & seus naturaes, em quanto duraõ as guer-  
ras, euitar se haõ o dafioens de treicoens, de tenta-  
çoens, de vindas de espias, de sabida de auisos, cessa-  
ra a occupaço de pesquisas, castigos, & prisoens  
taõ justas, & necessarias, mas originadas de seme-  
lhantes commercios, pelo que quem os aconselhar,  
conforme ao superior juizo de Iacob, não se abona  
muito nestas materias.

O segundo documento pertence aos Castelha-  
nos, delle se podem aproueitar, se de todo não se  
querem perder, este os amoesta, ensina, & manda q̃  
se quietem, conformandose com a vōrade de Deos,  
que em comprimento de suas diuinias promessas,  
restituiu Portugal a sua antiga liberdade, tirãdo  
da sugeiçaõ de Castella, com marauilhas aõ admi-  
raueis, mostralhe que deuem de tomar o acordo de  
Roboaõ, que herdou o Reyno inteiro de Israel de  
seu pay, & auo, que o possuirãõ, succedeo despõis q̃  
dez Tribus desunindose do Imperio de Roboaõ por  
seu mau gouerno, lhe negaraõ a obediencia, & ma-  
tando hum ministro muy seu confidente, deuanta-  
raõ a Ieroboaõ por Rey, o que vendo Roboaõ, ajũ-  
tando dos dous mōres Tribus que lhe ficauãõ, hũ  
exercito de cento & oitenta mil homens, gente to-  
da animosa, & luzida, foi em demanda dos outros  
dez Tribus, para a força de armas os reduzir, & so-  
geitar, sabio lhe aõ encontro, por ordem do ceo, hũ  
varaõ sancto, que lhe disse, da parte de Deos, que se  
quietasse, que não tratassem de fazer guerra a quel-  
les Tribus, porque aquella separaçãõ fora ordena-  
da por particular vontade do Senhor. *Hec dicit do-  
minus non ascendetis, neque bellabitis contra filios Israel  
à me enim factũ est verbũ hoc,* bastou este auiso para o

3. Reg.  
12.

Reynos  
Rey

Rey desfazer logo o exercito, sem mais tratar de  
 fazer guerra aos dez Tribus, & andou acertado, *Abul.*  
 porque scñão obedecera ao mandado diuino, ouue- *ibi.*  
 ra de perder sem falta o que lhe ficaua, & os mais  
 que trazia no exercito as vidas. *Ego feci istam diui-*  
*sionem, ideo frustra laborabitis: reuersi sunt, quia si irent*  
*ad pugnandum contra voluntatem Dei, ipse traderet eum*  
*in manus hostium,* pois se hum exercito taõ possante  
 desiste da guerra com hum recado, que da parte de  
 Deos lhe deu hum homem virtuoso, com quanta  
 mór razão estão obrigados os Castelhanos a fazerẽ  
 o mesmo, pois tantos Sanctos, que pronosticaraõ  
 esta separaçãõ, & liberdade de Portugal, lhe daõ da  
 parte de Deos o proprio recado em seus vaticinios,  
 que todos vemos compridos, nos quaes lhe dizem  
 que a noua erecçãõ del Rey nosso senhor, & do  
 Reyno, são obras de Deos, que de balde procuraõ  
 encontralas. *A me factum est verbum hoc.* O mesmo  
 lhe affirmão as grandes marauilhas, q̃ o ceo obrou  
 na acclamaçãõ de S. Magestade, & as mais, que no  
 discurso destes sete annos fez em nosso abono, &  
 juntamente os ameaçãõ com hũa total ruina, senaõ  
 pararem com a guerra, deixando a injusta preten-  
 sãõ deste Reyno. Donde se os Castelhanos não se-  
 guirem a Roboaõ, obedecendo a tantos nuncios de  
 Deos, cedo se veraõ acabados, que já por sua obsti-  
 naçãõ lhe tem Deos dado tantas perdas, & casti-  
 gos, & lhe vai tirando outros Reynos, até chegarẽ  
 a perder todos, contentemse com algũs, que lhe fi-  
 cãõ, senaõ querem ficar sem nenhũs.

Rey de Castella lo go o exercio, sem mais tribu de  
I. xai guera dos dez Tribus, & andou a guerra de  
porque se não obedecera ao mandado de que se  
ta de perder sem mais o que lhe ficava, & assim  
que a terra no exercio no as vidas. Egolet fiam dicit  
fiam dicit fiam dicit fiam dicit fiam dicit  
de pugna cum comitibus de castella  
in manu de... pois se não exercio no Portugal  
dehille a guerra com ham recado, que das parte dos  
Deos he deu hum homem virtuoso, com quantos  
mortes no effo obrigados Castellanos a fazerem  
o mesmo pois tantos sangos, que prometteram  
esta guerra, & liberdade de Portugal de deo  
parte de Deos o proprio recado em seus vassallos  
que todos vemos cumpridos nos dias he dizem  
que a nova crecção del Rey nosso senhor, & do  
Reyno das obras de Deos, que deha de procurar  
encontrar a me fiam de... O mesmo  
he o mesmo as grandes maravilhas, p o coo opou  
na acção de S. Magellã, & assim, que por  
dificuldade de tres annos se em gollo abono, & r  
juntamente os annos com a moral reuolucão  
partem com a guerra deixando a justiça porem  
do deo Reyno. Do deo os Castellanos não se  
entem a obono obedecido a tantos annos de  
Deos, e do deo recado, e a portus o fiam  
nada he com Deos dadas tantas portas de castella  
go, & he vinda outros Reynos, e de castella  
a perder todos contentem com alguns, que he a  
cao ção quem ficarem nenhuns

M I T  
Rey